

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: "Mundo na sala de aula", Segunda Temporada

Episódio 11 – Catalunya Lliure

Transcrição: Janaína Aleixo (Unicamp). Revisão da transcrição: Soraya Fleischer (UnB)

Legendas

Blocos

Sonoplastia

ABERTURA

Música de abertura: Mudernage - Ellen Oléria

Hugo: Oi pessoal! Meu nome é Hugo Virgílio e sou estudante de Antropologia na Universidade Federal Fluminense, a UFF, em Niterói, no Rio de Janeiro.

Rai: E eu sou a Raíssa Almeida, também conhecida também por Rai, sou estudante de Ciências Sociais da Universidade de Brasília.

Hugo: Pra quem não me conhece, eu faço parte da equipe do Mundaréu desde o ano passado, quando fui fazer mobilidade acadêmica na Universidade de Brasília, a UnB.

Rai: Já eu comecei a fazer parte desse projeto lindo no final do ano passado. Não deu tempo de participar dos episódios da primeira temporada do Mundo na Sala de Aula, mas tenho participado ativamente nos bastidores na produção do Mundaréu.

Rai: Hoje nós vamos apresentar mais um episódio da série Mundo na Sala de Aula. E nessa segunda temporada vamos apresentar trabalhos de conclusão de curso das nossas colegas que recentemente terminaram a graduação de Antropologia.

Hugo: Para isso, convidamos antropólogos e antropólogas que defenderam suas monografias nos anos de 2020 e 2021, para nos contar um pouco sobre o tema, os resultados, a pesquisa de campo, a escrita dessa experiência tão importante na formação desses pesquisadores. É, são TCCs da UnB e da Unicamp, já que o Mundaréu e o Mundo na Sala de Aula são fruto de uma parceria entre estas duas universidades.

Rai: Nós queremos valorizar a Antropologia que tem sido produzida já no nível da graduação. No episódio de hoje, vamos conversar com o Pedro Ribas, recém-formado da UnB e mestrando na mesma universidade.

Hugo: O título do TCC do Pedro é "Festa e desobediência em nome da independência da Catalunha: eventos e mobilizações do *Procés*". O orientador do Pedro foi o professor Luiz Eduardo de Lacerda Abreu. Vamos conhecer?

Música: Patum

BLOCO ÚNICO

Hugo: Pedro, conta pra gente sobre o seu TCC?

Pedro: Vamos lá. O meu TCC trata das mobilizações independentistas da Catalunha, mais conhecidas coloquialmente como *El Procés*. O campo foi em Barcelona, que é a capital da Catalunha. A Catalunha é uma comunidade da Espanha localizada no extremo leste da Península Ibérica. A comunidade possui um estatuto de autonomia e isso quer dizer que o estado reconhece a identidade nacional da comunidade, reconhece que a comunidade possui uma identidade cultural distinta daquela assumida pelo Estado e que eles também possuem instituições locais, instituições governamentais próprias da comunidade. A pesquisa acabou acompanhando as mobilizações, esses sendo atos, protestos e eventos que eram promovidos por grupos independentistas. E, mediante isso, procurou conhecer como a identidade cultural era usada como um projeto de independência política.

Rai: É um tema muito relevante: como que cultura e política conversam, né? E onde foi o seu campo exatamente e como foi?

Pedro: Eu concentrei o acompanhamento em três bairros que ficavam no centro da cidade: *Eixample*, *Raval* e o Bairro Gótico (*Barri Gòtic*). Esses três bairros, entre eles, reuniam instituições do governo local, instituições do governo espanhol e eram um centro histórico, então muitas das manifestações eram feitas lá. No começo, eu tentei fazer aqueles acompanhamentos clássicos em que a gente ia e escrevia com nosso caderno em campo, tentava escrever tudo que a gente observava e tudo mais... não deu certo (risos), não deu certo nem um pouco. Eu acompanhava justamente manifestações protestos e eventos, às vezes muito grandes, eventos culturais e tudo aquilo exigia que eu tivesse que gritar com as pessoas pra eles conseguirem ouvir ou às vezes eu não conseguia parar alguém no meio da manifestação para ficar “oi, o que tá acontecendo aqui?”. Então eu tive que fazer algumas adaptações, primeiro eu tive que deixar de lado caderno e eu comecei a usar o celular como forma de anotação, eu criei um grupo de WhatsApp próprio e nesse grupo eu tirava foto, aí eu mandava para aquele grupo, eu fazia áudios, eu gravava áudios com que tava acontecendo em volta e mandava para aquele grupo ou fazer uma rápida anotação. A segunda coisa que aconteceu é que não dava para ficar só falando “aí tal pessoa passou com um cartaz, tal pessoa falou aquilo e tal pessoa fez isso”, e o que eu fiz, é que eu queria ter uma forma mais sistemática de acompanhar. Então eu, depois de ter conseguido fazer amizades na universidade onde eu estava estudando, eu comecei a acompanhar pessoas que iam as manifestações, um grupo específico, e a partir disso eu começava a perguntar para eles o que estava acontecendo e o que que eles fizeram na manifestação.

Rai: Nossa, Pedro, deve ter sido uma vivência única, né? Você teve muitos aprendizados? Conta pra gente.

Pedro: Eu aprendi muita coisa em campo. Primeiro de tudo eu aprendi a falar espanhol e a falar um pouquinho de Catalão, eu aprendi a fazer pesquisa, eu fui a campo sem saber muito bem o que seria um campo, sabe? A gente lê muito sobre ele, mas se a gente não sabe o que é estar em campo... E eu acho que eu aprendi a fazer entrevistas, eu aprendi a me organizar, eu aprendi a sistematizar minhas ideias, eu aprendi a aplicar as teorias e aplicar os métodos que a gente aprende, eu aprendi coisas demais. Minhas interlocutoras, principalmente a Ada, que eu falo muito dela em campo, elas foram fontes de conhecimento e afeto infindáveis. E eu acho que eu também pude aprender muito sobre mim porque eu compartilhava muito com elas sobre o Brasil, sobre minhas ideias e eu acabei percebendo isso que... o poder de ter interlocutores, em

que nós somos duas pessoas que estão em diálogo e que compartilhamos pontos de vistas vindos de lugares diferentes mas que conseguem aprender coisas novas justamente nesse... compartilhando nossas ideias. E isso é algo assim que eu sempre vou cativar muito e que eu pretendo continuar aprendendo com isso continuar escrevendo e dando novos olhares a tudo isso que eu aprendi.

Hugo: Falando nisso, você pode contar como foi escrever o TCC? Quantas páginas ele tem, quais as suas estratégias de escrita? Como é que foi isso?

Pedro: Então o processo de escrita. Eu voltei em Janeiro de 2020 para o Brasil e eu tava muito animado para começar a escrever, eu estava muito animado para curtir também o meu último semestre na UnB. E aí chegou a pandemia e suspenderam o calendário. E aí eu tentei ver aquilo como uma oportunidade para poder escrever tudo e quando voltasse o semestre eu estaria completamente pronto... E isso não deu certo. E foi aí que eu comecei a compartilhar isso com os meus amigos e meus colegas de curso. Todo mundo tava falando a mesma coisa “eu não fiz campo bastante, estamos na pandemia, a gente não pode mais sair de casa, a gente não pode mais fazer entrevista, a gente tem que começar a escrever!”. Eu comecei a compartilhar com as minhas amigas, a Natália, a Ana, a Malu, eu comecei a compartilhar como que tava sendo o processo e os avanços que eu conseguia fazer, as ideias que eu conseguia colocar, e até as coisas que eu escrevia para elas comentarem. E essas mãos amigas, esses olhos que comentavam acabavam enriquecendo a minha escrita. E eu fui aprendendo isso também, que o processo de escrita não é algo, não é algo solitário e que é preciso que um texto passe por muitas pessoas, de certa forma, para um grande círculo, até voltar você e você estar, de certa forma, satisfeito com aquilo. Eu acho que é isso que eu aprendi, que fazer a escrita conjunta é muito menos sofrido do que fazer solitário.

Hugo: Só pra contextualizar os nossos ouvintes, as colegas que o Pedro mencionou são a Natália Ubialli, a Ana Cláudia Knih e Maria Luiza Vietes, todas colegas de curso de graduação lá na UnB. Mas agora me conta, Pedro, você tem alguma história em campo? Alguma coisa que te marcou muito assim?

Pedro: Eu vou contar a história de um dia muito especial para mim, eu começo o TCC contando a história desse dia: nas minhas últimas semanas em campo, a Ada me fez um convite de passar os últimos três dias na casa dela . Ela vive em *Artés*, que é um povoado de cerca de 4, 5 mil pessoas e que fica a 600 km de Barcelona. E para mim, foi assim, maravilhoso, passar os últimos três dias com a Ada, e com a família dela, enfim, foram três dias muito especiais para mim. Mas acho que o mais especial mesmo foi o fato de todas as histórias que ela contava. Eu sei que teve um momento que a gente tava passando justo a praça da biblioteca de *Artés*, eu sei que ela tava me contando o dia que fizeram o referendo de independência e o dia que todo o povoado tinha se reunido naquela praça que antes não tinha nome. E depois que todo mundo tinha votado, eles pegaram a urna e começaram a dançar. Eles fizeram uma dança típica que se faz num festival local, que chama *Patum*, e todos dançaram com aquela urna e depois daquele dia a praça começou a ser chamada como *Plaza Primero del Octubre*, que é Praça 1º de Outubro, que é o dia em que eles celebraram o referendo pela independência, o dia em que eles dançaram com a urna. E eu achei aquilo muito especial, foi um dia que eu aprendi demais.

Música: *Patum*

Rai: Eu adorei saber um pouco mais da pesquisa de campo do Pedro! Pelo que ele contou, é uma experiência única mesmo! Eu também não posso esquecer de comentar também que

adorei a técnica de pesquisa que ele utilizou, trocar o caderno pelos grupos de whatsapp. Isso mostra que o Antropólogo precisa sempre ser moldável às situações e onde está. Muito legal.

Hugo: O caderno pode ser muito intimidador para as pessoas que a gente conhece em campo, né? Para um trabalho de disciplina uma vez a turma foi fazer um exercício de etnografia em uma manifestação. Eu cheguei primeiro que alguns colegas e logo depois um grupo de colegas também chegou, todos com cadernos na mão, dos mais diversos tamanhos e formatos (**risos**). E tipo assim, era uma manifestação contra violência policial, sabe? Fiquei um pouco constrangido (**risos**), parecia que uma outra manifestação ia começar ali.

Rai: É um tema muito relevante. Eu sempre tive muita curiosidade sobre como deve ser fazer campo fora de Brasília, fora da minha cidade, né? Quais os desafios, como é que deve ser fazer contatos, se é muito difícil, será que o material vai ser sempre o suficiente pra escrever. O bom de ouvir o Pedro é que eu consegui criar até imagens mentais dos lugares em que ele esteve durante a pesquisa.

Hugo: Eu acho que uma coisa importante que todo esse trabalho do Pedro nos mostra também é a importância da coletividade. Seja nas manifestações políticas e culturais, como também no processo de pesquisa e até de escrita. É lindo ver como causas sociais mobilizam pessoas, mudam cenários políticos e legislações de países e, da mesma forma, criam laços de amizade, produzem conhecimento e são uma forma de apoio entre nós mesmos, de conquistar direitos, de produzir Antropologia.

FECHAMENTO

Música: Mudernage - Ellen Oléria

Rai: Bom, é isso, pessoal. Vamos terminando por aqui esse episódio, espero que vocês tenham gostado de ouvir sobre a pesquisa do Pedro.

Hugo: Também quero agradecer ao Pedro e a você Rai, por me acompanhar na apresentação desse episódio. Quero deixar registrado também o nosso agradecimento a toda a equipe do Mundaréu de Brasília e de Campinas e as nossas coordenadoras: Soraya Fleischer e Daniela Manica. Muito obrigado a todos e a todas!

Rai: Lembrando que o Mundaréu e o Mundo na Sala de Aula são uma parceria entre o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Unicamp e o Departamento de Antropologia da UnB. Agradecemos a essas instituições pelo apoio e incentivo de sempre.

Hugo: Quem quiser saber mais informações sobre o trabalho do Pedro pode acessar a descrição do episódio ou então acessar o nosso site: www.mundareu.labjor.unicamp.br

Rai: Tchau, tchau!

Hugo: Obrigado, pessoal! Até a próxima!

Música: Mudernage - Ellen Oléria